

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

O ENSINO DO VIOLÃO EM GRUPO NA ESCOLA REGULAR

JAYME NATAN ALEIXO DE FRANÇA

RIO DE JANEIRO, 2018

O ENSINO DO VIOLÃO EM GRUPO NA ESCOLA REGULAR

por

JAYME NATAN ALEIXO DE FRANÇA

Monografia apresentada para a conclusão do Curso de Licenciatura em Música da UNIRIO, sob a orientação da professora Dra. Silvia Sobreira.

RIO DE JANEIRO, 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À Deus por ter me dado saúde e ânimo durante a graduação.

Ao meu pai Daniel, minha mãe Lourdes e meu irmão Matheus que me ajudaram muito. Sem eles ia ser muito difícil, pois moro em outra cidade que fica longe da Universidade, eles sempre me apoiaram, desde antes da entrada na UNIRIO, com o vestibular.

A professora Silvia Sobreira que conheço desde que entrei na UNIRIO em 2014, onde fiz matérias como Estágio e ao final do curso de Licenciatura em Música a procurei para ser minha orientadora do meu TCC. Ela teve paciência para ir me mostrando os caminhos da minha pesquisa e ensinando como fazer de forma organizada esse trabalho.

Agradeço aos professores que estudei durante o curso. O nível musical e pedagógico dos docentes do IVL é de extrema qualidade. Agradeço especialmente, aos professores José Nunes Fernandes (Educação musical), Almir Côrtes (Arranjo), Eduardo Lakschevitz (História da Música), Luiz Flavio Alcofra (Violão) Carlos Alberto Figueiredo e Julio Moretzsohn (Regência Coral). Além disso, eu agradeço também aos professores da Faculdade de Educação, das disciplinas Didática, Libras, Educação Especial, Psicologia e Educação. Todos ajudaram na minha formação de professor.

Aos funcionários do Instituto Villa-Lobos como a Denise e Ana Paula.

Aos colegas que entraram comigo no início do curso e foram até o final, a turma 2014/2.

“O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário”

Albert Einstein

NATAN, Jayme. **O ensino do violão em grupo na escola regular**, 2018. Monografia (Licenciatura em Música). Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Nesta pesquisa busquei apresentar a revisão da literatura que diz respeito ao ensino coletivo do violão. A pesquisa bibliográfica foi realizada no site www.amplificar.mus.br, que reúne periódicos da área da pesquisa em música, além de listar teses e dissertações do Brasil. Este estudo permitiu uma maior compreensão sobre os processos pedagógicos ligados ao ensino do violão, possibilitando uma reflexão que, certamente, irá aprimorar minha prática pedagógica.

Palavras-chave: ensino coletivo; violão em grupo; pedagogia do violão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	
Revisão da Literatura.....	10
CAPÍTULO 2	
O que o professor aprende com esses métodos.....	24
Conclusão.....	26
Referências.....	27

INTRODUÇÃO

Minha história com a aprendizagem do violão foi iniciada na adolescência.

Quando tinha 7 anos de idade, meu pai comprou um violão bem simples, pelo qual não me interessei em aprender na época. Ele acabou vendendo o instrumento. Mais tarde, quando tinha quase 11 anos, influenciado pela banda da igreja que eu frequentava, tive vontade de aprender. Então, meu pai comprou o mesmo violão, da mesma pessoa para quem havia vendido. Eu comecei a ter aulas particulares com um professor que morava a poucas quadras da minha residência. Ele ia na minha casa e, no começo, me passava o básico como nome das cordas do violão, depois cifragem e sequências de acordes. Cada semana era uma sequência. Eu fui desenvolvendo bem rápido e em alguns meses já trocava de acordes maiores, menores e com 7ª com facilidade e tocava músicas com harmonia simples. Esse mesmo professor me passou escalas maiores e menores para eu praticar. No período de 4 meses que tive aula com ele, o conteúdo era sequência de acordes maiores, menores, com 7ª, escalas, ritmos com a mão direita e dedilhados. Eu achava as aulas bem legais. Eu era uma criança que estava aprendendo algo novo e me sentia bem fazendo isso.

Dos 11 aos 17 anos tive outros professores de violão e aula de guitarra. Toquei 3 anos na igreja onde pude desenvolver bem e aprendi a encarar o público, tocando. Naquele local, tinha um baterista que também tocava violão há muitos anos. Ele era mais experiente com arranjos, mesmo que fazendo-os “de ouvido”. Ele me ensinou acordes que eu não fazia, como os com 7ª/9ª, 13ª, b13ª, com inversão, sempre de acordo com o que cantor estava fazendo. Minha visão de harmonia aumentou. Eu tinha um certo tipo de aula informal ali, eu usava o que sabia e ia aprendendo com ele e usando em seguida, nas músicas. Também fazia base em um grupo de MPB, que era formado pelos mesmos membros que tocavam na igreja. Eu era bem jovem no meio de adultos, mas me dedicava a fazer bem todas as harmonias. Comecei a estudar na Escola de música Villa – Lobos, onde tive primeiros contatos com partituras,

violão clássico e outros ritmos e harmonias diferentes daqueles com os quais eu estava acostumado.

Logo comecei a dar aulas para iniciantes. Eu fazia, basicamente, o que aprendi com o meu primeiro professor: nome das cordas do violão, cifras, sequência de acordes, escalas, dedilhados e ritmos. Desde aquela época eu já gostava de ensinar.

Agora, fazendo meu TCC, busco recordar a experiência que tive quando estava começando com o instrumento e vendo como é importante o processo de ensino e aprendizagem, podendo ser até mesmo de um jeito informal, no cotidiano. Procuro, através das leituras dos textos acrescentar métodos de aulas de violão coletivo para poder usar em minhas próprias atividades como professor.

Em minha inserção no curso de Licenciatura em Música da UNIRIO, pude perceber que o ensino de música em sala de aula é bem diferente de minha prática. Apesar de já ter lecionado em projetos sociais, a atuação na educação básica requer outras habilidades. Por isso, fiquei incentivado a pesquisar textos que tratem o ensino coletivo do violão em grupo. Mesmo sabendo eu não achei uma metodologia única que atenda a todas as faixas etárias, creio que esse tipo de busca foi conveniente porque possibilita o aprimoramento de minha prática.

Como problema de pesquisa, busco encontrar nos textos publicados na área da Educação Musical no Brasil como o ensino coletivo do violão vem sendo tratado.

Objetivo

Fazer um levantamento dos textos referentes ao ensino/aprendizagem do violão coletivo, procurando analisar o quanto eles podem ajudar em minha própria prática.

Justificativa

O ensino do violão em grupo é uma possibilidade pouco explorada no contexto da educação básica. Logo, minha pesquisa buscará traçar as experiências de outros autores nesta área. Como Tourinho (2003), penso que o ensino do violão na escola tem como objetivo alcançar o maior número de pessoas, acreditando que é possível aprender o básico de um instrumento e se expressar sem que o indivíduo tenha um talento excepcional. Além disso, nas escolas públicas, a quantidade de crianças de baixa renda é grande e o acesso ao violão não é tão difícil, pois um violão de iniciante pode ser comprado pelo responsável do aluno por um preço baixo, os violões de estudo em uma loja de música são baratos se forem comparados a outros instrumentos como piano, bateria, etc.

Ao fazer um levantamento de textos que tratam do ensino do violão, pude observar procedimentos que eu nunca havia visto e que são possíveis de serem aplicados em sala de aula. A pesquisa possibilita que minha prática letiva seja aprimorada. Além disso, pude entrar em contato com autores conhecidos e respeitados na área da Educação Musical que tratam do ensino coletivo do violão. Nesse aspecto, considero que minha busca nesta monografia tem o objetivo de não repetir os procedimentos pelos quais passei, mas procurar compreendê-los e encontrar outras formas de ensinar.

Considerando minha inexperiência no campo da pesquisa e a necessidade de se aprender a fazer uma revisão de literatura para iniciar uma pesquisa, optei por apresentar apenas um capítulo, que traz a revisão da literatura e um segundo, no qual comento os pontos mais relevantes e que contribuirão com minha prática. Além desses dois capítulos, apresento a Conclusão do estudo.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DA LITERATURA

A partir de um levantamento feito na base de dados “amplificar.mus.br”, que compreende boa parte da produção acadêmica da área de música no Brasil, escolhi os textos a serem comentados. Usei a palavra-chave violão coletivo e encontrei 13 textos. Apenas 8 são comentados. Os que não constam aqui ou eram repetição de temas por parte dos mesmo autores ou traziam pesquisas que não iriam me ajudar (como questionário para identificar o perfil do professor de violão em grupo, por exemplo). Através de alguns desses autores, conheci Cristina Tourinho, o único texto que eu tirei de um livro físico, não possível de ser encontrado site, já que este lista apenas as publicações eletrônicas.

Levando em consideração que a professora Cristina Tourinho é citada na maioria dos textos levantados para esta pesquisa, considero adequado iniciar trazendo suas ideias.

Tourinho (2003), uma respeitada professora de violão, apresenta uma visão bastante esclarecedora a respeito do ensino deste instrumento. Em vez de iniciar seu texto falando sobre técnica, ela aponta que os fatores mais variados da vida contemporânea estão influenciando o gosto das crianças. Por exemplo, ela aponta que as crianças não aceitam tocar repertório de músicas infantis ou folclóricas. Esse fator tem, segundo a autora

[...] contribuído para uma modificação efetiva do ensino atual, que não mais usa, unicamente, um repertório de tradições europeias e folclóricas referente a faixas etárias delimitadas. (TOURINHO, 2003, 77).

A autora considera que o ensino do violão na escola tem como objetivo alcançar o maior número de pessoas, acreditando que é possível aprender o básico de um instrumento e se expressar sem que o indivíduo tenha um talento excepcional. A ideia é que todos consigam aprender. Com o passar do tempo praticando o instrumento, o desenvolvimento vai aparecendo.

Tourinho (2003) relata que a música na educação básica se tornou frequente, com isso, os professores enfrentam dificuldades em realizar o ensino instrumental no ambiente escolar. Ela alega que o repertório e a metodologia do ensino de violão em grupo “ainda esbarram no pressuposto de que o ensino instrumental é altamente individualizado – e na verdade é –, mas pode ser altamente individualizado mesmo quando se tem um grupo” (TOURINHO, 2003, p. 78). A formação do professor é muito importante, pois ele terá que ensinar de forma coletiva e não individualizada, isso requer uma qualificada instrução docente. A ação coletiva deve ter um auxílio do professor, para que ele veja os limites e possibilidades de cada aluno e assim possa ajudar. Tourinho explica que é muito comum que os professores apenas repitam metodologias e procedimentos pelos quais passaram quando alunos. Para ela, fazer diferente deste modelo “é um risco e um desafio. Afinal, não se pode mais ensinar da forma como se aprendeu” (TOURINHO, 2003, p. 78).

Tourinho (2003) descreve o projeto Imiv (Iniciação Musical com Introdução ao Violão), que tem como desafio musicalizar crianças de 6 a 10 anos usando o violão como instrumento principal. Um dos maiores atrativos do curso era que os alunos tivessem contato direto com o instrumento. Como o ensino é coletivo, um objetivo é que o aluno se saia bem dentro do grupo. Assim, desde o início, eles tocam juntos, mesmo que sejam coisas muito simples. Assim, eles podem sentir satisfação em estar fazendo música coletivamente.

A autora argumenta que a utilização de apenas dois acordes, no início é fundamental para a iniciação no instrumento em qualquer idade em que o aluno esteja aprendendo. As peças com baixa dificuldade de execução, serão fixadas para que depois o nível de dificuldade vá aumentando sem causar nenhum tipo de trauma. É como se fosse uma escada, as pessoas vão subindo degrau por degrau.

Além da recomendação de se utilizar apenas dois acordes no início, a professora aponta que a tonalidade escolhida deve ser adequada à voz. Como procedimentos didáticos

ela explica que o professor pode cantar e tocar uma música para os alunos, pedindo para eles repetirem. Ele vai corrigindo a afinação vocal, a letra, os acordes, além de desafiar os alunos a fazerem a batida da mão direita e cantar. Ela sugere a divisão do grupo em dois para fazer atividades. Desenhar o braço do violão no quadro e representar os acordes também é indicado por Tourinho. A aprendizagem dos discentes vem com o cantar e tocar várias vezes, e se alegrar com o feito.

Tourinho (2003) faz críticas a alguns livros que são vendidos em bancas de jornais e revistas, com baixo custo e de fácil acesso. Esses materiais, segundo a autora, mostram acordes encadeados, sem estarem ligados a uma música, além de trazerem exercícios de preparação técnica sem fins musicais. Alguns, ainda segundo a autora, exibem definições imprecisas, como exemplo, incluir sob o título de “Sinais de notação musical” a nomenclatura dos dedos das mãos, ou mostrar música de cinco acordes ou com pestana logo no início do método para um iniciante. Para Tourinho, isso pode fazer com que a pessoa que está iniciando, tenha dificuldades e desista de aprender.

Outros textos encontrados (RABAIOLI, 2009; RODRIGUES; TOMAZ, 2015;) são ligados à organização da aula, com métodos aplicados ao instrumento, sendo que vários exercícios e possibilidades são demonstrados.

Rodrigues e Tomaz (2015) apresentam um projeto realizado em um colégio de Aplicação, no qual, os professores, em sua maioria, possuem mestrado e doutorado e a escola é bem equipada, com 15 violões. Além disso, a sala de música possui “aparelhos de áudio e vídeo, acessórios (como banco para apoio dos pés do violonista e estantes para partituras” (RODRIGUES; TOMAZ, 2015, p. 5). Embora, nem sempre o professor de escola tenha uma estrutura tão apropriada, creio que a experiência dos autores pode ter valia em outros ambientes.

Rabaioli (2009) traz um relato de experiência realizado com o aprendizado do violão em grupo em um grupo chamado Camerata de Violões da Universidade Estadual de Londrina, formado por graduandos da Licenciatura em Música daquela faculdade. O objetivo do grupo é fazer música coletivamente e de forma prazerosa, utilizando o violão como instrumento. O autor tem como meta buscar:

[...] auxiliar na ampliação da experiência musical exercida pelos alunos que iniciam o curso de licenciatura em música, tentando ultrapassar o âmbito da pregressa prática musical (formal e informal) enfatizada ‘preponderantemente na apreciação musical’ (RABAIOLI, 2009, p. 70).

Na experiência desenvolvida por este autor foram trabalhos os seguintes elementos:

Leitura musical e compreensão das obras musicais: Nessa atividade era praticada a leitura a primeira vista das músicas e o desenvolvimento sonoro com sensibilidade auditiva de cada integrante. Nesse processo em atividade coletiva, o professor deve estar presente para cabíveis orientações.

Produção do som: Nesse campo, entra a questão relacionada a volume, timbre e articulação dos sons, aspectos corporais como tonicidade muscular adequada, postura com o instrumento, conformação e textura das unhas, e cognitivos como memória, percepção e atenção.

Prática de afinação dos instrumentos. O violão é um instrumento que desafina rapidamente dependendo do ambiente, podendo estar bastante frio ou um clima abafado. O domínio de cada integrante com a afinação deve estar seguro, tanto a forma tradicional de se afinar quanto o uso de afinação por harmônicos.

O entrosamento musical: Um deve desenvolver a sensibilidade de escutar o outro.

Apresentações musicais públicas: Quando a apresentação é bem sucedida todos comemoram e debatem os lados positivos. Quando acontece alguma falha, o debate entre os integrantes é voltado para o aprendizado e que não se repita mais o erro.

Esses elementos apresentados pelo autor podem facilmente ser utilizados com outros grupos. Ao mostrar como ele organiza sua aula, o autor possibilita que outros professores possam experimentar as mesmas estratégias.

Rabaioli (2009) comenta que em nosso país, a distribuição de renda não é favorável para os mais pobres, no entanto, o custo para ter um violão inicial, não é muito difícil, em vista que são fabricados muitos violões com baixo custo. Assim é possível ter esses instrumentos em escolas públicas ou outras instituições que não têm muitos recursos financeiros:

Apesar de vivemos num país com acentuados abismos na distribuição de renda, o baixo custo dos violões feitos em série industrial possibilita, por outro lado, sua aquisição por muitos estudantes. Os baixos custos aliados à boa portabilidade do violão podem facilitar a formação de grupos instrumentais de violão em locais como escolas públicas ou outras instituições educacionais. (RABAIOLI, 2009, p. 74).

Rabaioli (2009, p. 74) defende o estudo coletivo, pois, para este autor, a música feita em grupo contribui para a formação do cidadão, tanto para o aluno, quanto para o docente: “uma experiência do fazer musical coletivo pode acenar com contribuições vivazes para a formação do ser humano, do profissional de música e do educador musical.

Embora Rabaioli tenha feito sua experiência com alunos de Licenciatura em música, acredito, assim como o autor, que boa parte de sua estratégia pode ser realizada com sucesso junto a alunos mais jovens e mesmo na Educação Básica, como exemplo, a escolha do repertório e a criação de arranjos por parte dos integrantes do grupo.

Na minha prática pedagógica de aula coletiva, passei por projetos sociais em que dei aula de violão em grupo e estágios curriculares. Dando aula com o violão, eu associo o que Rabaioli (2009) faz, primeiramente com a preocupação com a afinação do instrumento. Todos devem aprender com o violão afinado, levando em conta que é um instrumento que desafina rapidamente com a temperatura fria ou quente. Também tento organizar a aula de acordo com o tipo de aluno, pois o contexto que as crianças e adolescentes vivem vão influenciar na aula. Também, a postura com o instrumento deve ser ensinada com cada aluno iniciante do violão, uma má postura vai influenciar no som que cada um faz. Cada aluno deverá também ter atenção e concentração, essa parte inclui principalmente conseguir escutar o outro. Apresentações em datas marcadas são ótimas, mesmo se os alunos forem iniciantes, eles vão, desde cedo, começando a ganhar responsabilidade e experiência de tocar em público. E isso é um estímulo para-que eles estudem. Em uma escola regular, músicas tocadas para os pais em datas determinadas como dias das mães, etc, fazem com que se comece uma rotina de ensaios, onde a aula coletiva de violão vai ganhando forma. eles se socializam fazendo música.

Um outro artigo que muito me ajudou tanto em minha prática quanto na escrita desse trabalho é o de Rodrigues e Tomaz (2015). O texto, como o anterior, é um relato de experiência dos autores cujo objetivo é [...] refletir acerca da potencialidade do ensino de instrumento musical em grupo no âmbito das aulas de Artes (RODRIGUES; TOMAZ, 2015, p. 5).

Este trabalho foi realizado em um colégio de Aplicação, no qual, os professores, em sua maioria possuem mestrado e doutorado e a escola é bem equipada, com 15 violões. Além disso, a sala de música possui “aparelhos de áudio e vídeo, acessórios (como banco para apoio dos pés do violonista e estantes para partituras” (RODRIGUES; TOMAZ, 2015, p. 5). Embora, nem sempre o professor de escola tenha uma estrutura tão apropriada, creio que a experiência dos autores pode ter valia em outros ambientes.

Os autores explicam as regras para iniciar o trabalho em grupo:

Para o início do ensino e aprendizagem do violão a professora tomou como ponto de partida a definição de 'regras': cuidar do violão para não estragá-lo, não batê-lo, não mexer nas tarraxas, não tocar fortão e nem fora da hora, fazer silêncio quando a professora abaixar a cabeça, e colocar o violão com a boca para baixo quando a professora fizer um gesto. Foi curioso perceber que os próprios alunos passaram a cobrar o cumprimento das regras entre seus pares, não admitindo que o combinado fosse desrespeitado. (RODRIGUES; TOMAZ, 2015, p. 5).

Baseando-se nas ideias de Tourinho (2003), as aulas se iniciam estimulando a exploração do violão.

O ideal é proporcionar aos alunos tanto experiências musicais quanto sociais.

No texto é mostrado um relato com dois alunos na aula de violão:

Marcelo está sentado com os dois pés apoiados no chão sem o auxílio do banquinho. Marcos, o aluno do lado, sugere que seu colega coloque o pé esquerdo no banco de apoio conforme orientação da professora e diz que essa mudança irá ajudá-lo na 'forma' de tocar. Marcelo, sem hesitar, atende à orientação de Marcos e se percebe numa posição mais confortável e de acordo com os demais colegas. Para João, retribui um sorriso que confirma a melhora na execução após sua sugestão. (RODRIGUES; TOMAZ, 2015, p.5.).

O objetivo das aulas era para ser alcançado coletivamente. E como começar a disciplinar os alunos desde cedo?

A primeira atividade realizada foi focada no incentivo à exploração sonora do violão, o que permite que os alunos satisfaçam a ansiedade de ter contato direto com o instrumento (TOURINHO, 2003 citado por RODRIGUES; TOMAZ, 2015). O roteiro da atividade era uma viagem de trem, no qual os alunos reproduziam o som desse transporte.

Foram ensinadas as formas de como pegar no violão.

Foi trabalhado inicialmente com as 5^a e 6^a cordas, de modo que os alunos acompanhassem algumas canções.

Fizeram parte do repertório músicas do folclore brasileiro: *Marcha soldado*, *Sapo cururu*, *Samba-lelê* e *Cai-cai balão*.

Para estimular os alunos no estudo da mudança de acorde, a professora propôs uma disputa entre meninos e meninas, na qual cada grupo executava a atividade e aquele que apresentasse menos erros seria o ganhador. Discordo um pouco da abordagem usada pelos autores, pois percebo que já existem muitas disputas entre meninos e meninas na escola e o professor deveria evitar estimular tais conflitos. No entanto, a “disputa” pode ser feita por grupos mistos, o que mantém o estímulo através da competição, sem acerbir as desavenças entre gêneros.

Dentre os conteúdos trabalhados, destaco a utilização de apenas dois acordes para se trabalhar a técnica das mãos direita e esquerda e a percepção auditiva. Essa opção de usar apenas dois acordes facilita o aprendizado, além de possibilitar que os alunos se sintam “fazendo música”.

Outro texto que me ajudou nesta pesquisa, não diz respeito apenas à técnica em si, mas às questões ligadas à memória (SILVA SÁ; LEÃO, 2015). Estes autores apresentam uma reflexão de como algumas características da memória humana podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias de ensino em aulas coletivas de violão. O artigo é baseado reflexões e estudos bibliográficos sobre o tema da memória, ensino coletivo de violão e processo de aprendizagem.

Os autores citam um autor que eles consideram um dos principais estudiosos da memória humana na atualidade: "memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações" (ISQUIERDO, 2011 apud SILVA SÁ; LEÃO, 2015, p. 2).

Utilizando-se das ideias de Ana Lúcia Nogueira Braz, Silva Sá e Leão (2015) explicam que há 10 tipos de processamento da memória, dos quais eles explicam dois: o primeiro é automático, a pessoa guarda como se fosse um *flash*. O segundo tipo mencionado é a “repetição mecânica [que]

pode ser vista como um processo em que há a busca da retenção das informações através do esforço e da repetição” (BRAZ, 2013 apud SILVA SÁ; LEÃO, 2015, p. 7).

Silva Sá e Leão (2015, p.7) acreditam que em aulas em grupo de violão,

[...] deve-se apresentar novas técnicas de execução ou ensinar uma nova variação rítmica para a mão direita, levando os alunos a dedicarem cerca de cinco a dez minutos de treino e/ou repetições até atingirem um nível de automaticidade, favorece a memorização e o domínio de execução da nova habilidade.

O interessante deste texto é que nos ajuda a pensar nas estratégias que podem ajudar no aprendizado. Algumas vezes, nós professores insistimos na técnica e qualidade do som, sem estimular o aluno a memorizar as músicas. Ao compreendermos os mecanismos da memória, podemos ajudar os alunos a ter uma maior desenvoltura, raciocínio e tranquilidade para tocar seu instrumento, principalmente em apresentações públicas.

Além de autores que tratam especificamente da sala de aula, há autores que discutem a formação do professor. Barbosa (2015), por exemplo, apresenta uma pesquisa na qual busca compreender o perfil do professor de violão da cidade de Manaus. Ele pesquisou professores que atuavam no projeto "Mais Educação", ou seja, professores que atuavam em atividades fora do currículo. Apoiando-se em Cristina Tourinho para analisar as respostas obtidas nas entrevistas feitas com 6 professores, o autor conclui que "o professor atuante nesse projeto tem mais um perfil de musicista que diretamente de um educador musical. Segundo os dados coletados pelo autor, ficou explícito que estes nem sequer estão dentro de uma universidade graduando-se em música onde poderiam estar aperfeiçoando-se no que diz respeito às metodologias e práticas pedagógicas que agem com maior impacto sobre a comunidade estudantil.

Onófrio (2015) apresenta um trabalho que estuda “o processo de montagem de um curso de violão em ambientes virtuais” (ONÓFRIO, 2015, p. 382). Inicialmente, o autor procurou conhecer o perfil do aluno, buscando compreender quais os objetivos desejados por

este. A partir deste conhecimento, foi buscado na *web* formas de realizar as metas. O autor se valeu das teorizações de Moore e Kearsley. Sua preocupação está em saber como utilizar as novas tecnologias sem que o aluno perca o seu rendimento.

A figura do professor nesse novo cenário deve ir vai além da transmissão da informação, ele precisa atender a necessidade do aluno e ser capaz de incorporar essa tecnologia à sua atividade docente. Contudo, a tecnologia sozinha talvez não seja capaz de suprir a figura do professor, pois mesmo com toda essa informação, não há a garantia de que o aprendizado aconteça, porque a maioria dos alunos pode não conseguir filtrar esses conteúdos e nem mesmo organizar de forma didática e plausível de ser aprendida. (ONÓFRIO, 2015, p. 383).

O curso foi moldado para o ambiente Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (MOODLE). A faixa etária escolhida foi de jovens, preferencialmente universitários, entre 18 e 30 anos. Todos deveriam possuir computadores. Esses alunos deveriam apresentar a disponibilidade de estar em alguns encontros presenciais. O aluno deveria apresentar semanalmente uma gravação em vídeo de uma atividade estudada. Foi também decidido que o conteúdo a ser estudado seria um repertório de música popular. O professor dava o *feedback* semanal sobre a atividade gravada. O professor disponibilizou na plataforma vários vídeos mostrando como montar acordes, como executar determinados ritmos, entre outros vídeos explicativos, além de textos sobre o conteúdo. Onófrio explica o porquê da escolha por vídeos:

Dentre todas as mídias, o vídeo é aquela que mais se aproxima da realidade da aula presencial. Permite um aprendizado pela observação e é uma ferramenta que minimiza a presença física do professor, pois permite a visualização dos movimentos das mãos, posicionamento do corpo em relação ao violão, além da visualização prática dos ritmos, acordes e das músicas. (ONÓFRIO, 2015, p.386-387)

Onófrio (2015) conclui que é importante que se conheça o perfil do aluno e suas expectativas antes de iniciar a aplicar o seu método.

Essa pesquisa é interessante porque mesmo sem ter os recursos que o autor teve à sua disposição, algumas ideias podem ser úteis e aproveitadas para um professor de violão como é

o meu caso. A ideia de fazer pequenos filmes pode ser feita usando o *dropbox* o *youtube* ou mesmo o *facebook*. O aluno pode ser estimulado a criar uma página sua com suas gravações de maneira que possa avaliar sua evolução. A aula de violão feita em vídeos, é um meio alternativo de se ensinar música. A *internet* é uma ferramenta muito importante para se aprender em diversos assuntos. Na música não seria diferente, um aluno com um vídeo pode visualizar várias vezes as partes que apresentem dificuldades, como por exemplo acordes e escalas. Uma aula *online* pelo *facebook* ou *skype*, fica de fácil acesso para quem tem *internet*. Além disso, muitas vezes os alunos ou professores, em meio ao caos urbano como o trânsito, não conseguirão chegar para a aula presencial, um meio seria fazer uma aula virtual para suprir a presença. Na minha prática docente, esse método pode ser feito com alunos coletivamente, basta combinar com antecedência com o grupo que quer estudar.

Fidalgo, Macedo e Tourinho (2014) que destacam que o ensino do violão coletivo é uma ferramenta de grande valor na democratização do ensino musical e também com que alegam que o aprendizado coletivo também se dá quando as crianças observam e interagem com os colegas. Estes autores, baseiam-se nas teorizações de Keith Swanwick e Edgar Willens para apresentar uma proposta de ensino coletivo. Os autores explicitam como colocaram em prática o Do modelo proposto por Swanwick:

No que tange à composição, foram feitas combinações de notas dentro de um estilo sugerido, pequenas variações rítmicas e improvisações no violão com objetos recicláveis e com batimentos corporais. A apreciação aconteceu na hora de assistir um vídeo ou escutar gravações, ao assistir/ouvir o professor ou os colegas tocarem. A atenção para qualidade do som, fraseado, dinâmica, foi sempre enfatizada. Em relação à performance, os alunos puderam tocar seus instrumentos musicais e outros instrumentos, como objetos recicláveis, o corpo (batimentos corporais) e a própria voz foi usada [...]. (FIDALGO; MACÊDO; TOURINHO, 2014, p. 3).

De Edgar Willems, os autores utilizaram o canto e a leitura musical, com o apoio de movimentos e gráficos de leitura. Os autores informam como as aulas são conduzidas:

O trabalho inicia com informações básicas sobre o instrumento, nomenclaturas dos dedos e a postura na qual o aluno deve adotar para tocar. Aspectos rítmicos são trabalhados por imitação, seja com percussão corporal ou com “batidas” (ou “levadas”) que serão utilizadas como acompanhamento das canções. Para executar as canções, os alunos aprendem, inicialmente, dois acordes do mesmo campo tonal que irão praticar até conseguir trocá-los com segurança e naturalidade. [...]. (FIDALGO; MACÊDO; TOURINHO, 2014, p. 5).

Os professores também dão importância às atividades de apreciação musical:

A apreciação musical é um aspecto bastante relevante neste trabalho. Audições de repertório do cancioneiro popular brasileiro e música instrumental erudita com orquestra ou solistas são feitas frequentemente. Os alunos podem simplesmente ouvir uma canção e comentar sobre os instrumentos presentes na gravação, realizar uma apreciação ativa com gestos ou movimentos corporais de acordo com o que escutam e percebem (ritmicamente, andamento, contorno melódico, forma) ou até mesmo reproduzir células rítmicas presentes nas músicas ouvidas. (FIDALGO; MACÊDO; TOURINHO, 2014, p. 5).

Esses autores relatam que encontraram dificuldades que são muito comuns: a dificuldade que as crianças encontram em cantar e se acompanhar. Para solucionar tal problema, eles apresentaram músicas que tinham apenas dois acordes até que as crianças conseguissem tocar e cantar. Ao final de um ano, elas já conseguiram fazer isso com 4 acordes. É importante ressaltar essa informação, pois, em geral, pouco se comenta sobre esse tipo de dificuldade.

Outro aspecto importante trazido pelos autores é a questão da sociabilidade. O ensino coletivo do violão permitiu que alunos tímidos vencessem sua inibição e se sentissem mais confiantes:

Pode-se, de igual forma, perceber a importância do trabalho coletivo no crescimento dos alunos iniciantes desta faixa etária e no desenvolvimento de questões como respeito, gentileza e solidariedade obtidos durante as atividades que são direcionadas para a valorização do grupo, evidenciando a importância de cada indivíduo, elevando, dessa forma a autoestima. Observou-se também a valorização das diferenças entre as pessoas e a importância de cada um poder contribuir com o que tem de melhor para o crescimento mútuo. (FIDALGO; MACÊDO; TOURINHO, 2014, p. 7).

Oliveira e Silva (2013), em pesquisa realizada na cidade de Ponta da Serra (CE) procuram pesquisar sobre a forma o ensino coletivo do violão pode contribuir para o desenvolvimento técnico e social dos participantes e os aspectos motivam os alunos a participarem das aulas. O interessante deste texto é que os autores reconhecem que sabiam tocar o instrumento, mas não possuíam nenhuma experiência com sua pedagogia de ensino. No projeto, aprenderam a compreender e a revisar suas práticas letivas. As aulas foram dadas por duplas, em dois grupos, um de alunos que já conheciam o violão e outro de iniciantes. Os graduandos foram orientados pelo professor da universidade. Eles concluem:

Através dessa vivência pedagógica, seguimos agregando novas experiências, novos saberes, construindo assim, passo a passo, nossas carreiras enquanto educadores e nos tornando pessoas mais conscientes e comprometidas com a educação dos jovens e com o fazer musical, conhecendo e presenciando o poder da música de uma forma mais social e transformadora. (OLIVEIRA; SILVA, 2013, p. 353).

No texto, os autores falam mais a respeito do repertório escolhido. Em termos de questões didáticas, fica um pouco a desejar, pois apenas mencionam de maneira superficial o que fizeram em sala de aula, e que considero muito básico: ensinar a postura correta ao violão e o posicionamento das notas, por exemplo. Mas foi importante ler este trabalho, pois me motivou a também estudar e a continuar em minha busca por uma maior compreensão a respeito da pedagogia do ensino do violão coletivo. Eles também enfatizam a questão social:

É importante enfatizar também que a ideologia que nós pregamos naquela localidade, vai para além do ensino de música, pois o fato de estar em contato com os alunos engrandece também a nossa participação na vida cotidiana de cada um deles. A dimensão humana deste trabalho constitui parte significativa das mudanças e transformações que a música pode operar na comunidade, nos familiares e no indivíduo. Formando assim, uma rede de solidariedade e cooperação mútua que se estendem para além da sala de aula tradicional. (OLIVEIRA; SILVA, 2013, p. 352).

Os autores Salgado, Kaminski e Ray fazem uma proposta de ensino de violão com adolescentes, utilizando-se das ideias de John Paynter. Os autores consideram de fundamental importância “a relação do processo de criação musical para o aprendizado da música pelo estudante” (SALGADO; KAMINSKY; RAY, 2014, p.255).

Esses autores sugerem alternativas de ensino onde se usa a criatividade. Na aula de violão em grupo, por exemplo, pode-se ensinar um acorde aos alunos. Depois que todos souberem fazer, cada um pode improvisar com as notas daquele acorde, usando a sua criatividade. Assim o professor saberá o jeito que cada aluno improvisa diante de um acorde ou uma escala dada. Segundo os autores, John Paynter (1931-2010) foi um educador musical que gostava de fazer o experimental e que seus alunos conseguissem ter um poder de criação nas lições dadas, isso se ganha com a prática, quanto mais o aluno de violão exercita, mais ele desenvolve sua criatividade.

CAPÍTULO 2

O que o professor aprende com esses métodos

O docente em música que está começando sua carreira ou que já está há anos nela, ao ler esses autores e os suas indicações, consegue agregar em seu plano de aula visões de como sua aula pode ser melhorada. Das informações mais importantes, considero a que diz respeito à se iniciar a prática usando apenas dois acordes simples. Assim, o professor que tiver uma turma de crianças iniciantes no violão pode usar tal estratégia, aliada ao uso de canções fáceis, como ensina Tourinho (2003). A probabilidade de todos conseguirem tocar é maior e ninguém ficará chateado, impedindo que o iniciante fique desestimulado.

Também, é muito importante que o violão esteja afinado, pois o aluno tem que ir acostumando o seu ouvido com o instrumento na afinação correta (RABAIOLI, 2009).

O entrosamento da aula em grupo deve fluir também. Se a pessoa é iniciante, ela deve se educar a escutar quem está tocando ao seu redor.

A importância de tocar em público é outro fator que os autores consideram. O ideal é sempre fazer um tipo de apresentação depois de muitas aulas com ensaio, mesmo que a turma seja de principiantes, a desinibição com o violão vai saindo e o aluno vai ganhando experiência. As apresentações, se bem conduzidas, podem estimular a vontade de prosseguir com o aprimoramento no instrumento, mesmo que nem todos tenham o objetivo de serem profissionais.

Muitas vezes os professores trabalham em projetos sociais ou escolas públicas que não têm violões suficientes ou de boa qualidade. Além disso, muitos dos alunos que frequentam esses projetos não tem o instrumento para levar para a aula. Apesar disso, vale lembrar que

um violão simples no Brasil custa barato, e isso pode ser um incentivo para quem tem baixa renda (RABAIOLI, 2009).

Outro ponto salientado por Silva Sá e Leão (2015) é a memória. Os autores deixam claro que a memorização das músicas é importante. Quando o professor passa uma canção ou até mesmo um exercício, o ideal é que ele faça com que o discente memorize o que está executando, quanto mais o aluno pratica a memória do que ele está tocando, mais ele se desenvolve musicalmente.

Como nós estamos com a tecnologia cada vez mais avançada, muitas palestras e cursos são feitos online, o que torna interessante o que Onófrio (2015) descreve em seu texto. Para este autor, a aula com o instrumento pode ser feita de forma virtual. A meu ver, essas estratégias podem ser usadas porque a maior parte das crianças hoje em dia usa o youtube ou o Facebook. Mas o importante é lembrar que o que Onófrio (2015) sugere pode ser feito como exercício de casa. Ou seja, o professor pode tanto fazer aulas virtuais, como usar a tecnologia para que ao aluno estude em casa. A aula virtual pode ser gravada, permitindo que os alunos possam repeti-la várias vezes em casa.

Creio que nem tudo que os autores mostram em seus textos servirá de forma efetiva em uma escola regular pública. Uma turma com 30 alunos pode apresentar problemas de comportamento das crianças ou problemas de não ter um local apropriado com instrumentos suficientes. O professor deve saber lidar com isso e agir conforme o que está vendo, as vezes uma atividade é planejada pelo docente e na hora de ser feita ela não sai como o esperado. Penso que a capacidade de criação e improvisação no momento da aula por parte do professor conta muito.

CONCLUSÃO

Ao iniciar este estudo, busquei autores que tratassem do ensino de violão coletivo porque em minha prática tenho apenas dado aulas particulares. Só tive contato com a escola de Educação Básica através dos estágios e nunca pude ensinar o violão. No entanto, pretendo, ao me formar, incluir a prática do ensino do violão em grupo na sala de aula. Por isso, foi importante empreender essa pesquisa.

O estudo dos autores listados ajudou a repensar a minha prática. Algumas das recomendações, eu já fazia por intuição, como é o caso de ensinar dois acordes iniciais e a afinação do instrumento. Outras, eu fazia sem ter consciência, como foi a questão da memória. Eu sempre incentivava os alunos a decorarem as músicas que aprendiam.

Mas também encontrei em minha prática algo que não li nos textos. Isso diz respeito a estimular os alunos a “tirar” músicas de ouvido, embora imagine que tal estratégia funcione mais com alunos particulares do que na escola básica. Talvez os autores estejam empenhados em ensinar os primeiros rudimentos, ajudando a que aluno tenha vontade própria de prosseguir, por isso, não mencionaram a questão desse treinamento auditivo.

O uso da *internet* foi uma indicação importante porque posso implementar tanto em minha prática como professor particular como tentar usar em escolas de Educação Básica. Embora nesses ambientes as aulas sejam sempre presenciais, nada impede que pequenos módulos possam ser feitos *online* para aqueles que tiverem maior interesse.

Além disso, o ensino em grupo pode ser um elemento que ajude na socialização e na conscientização de que somos mais fortes quando pensamos coletivamente.

É essencial que o professor saiba lidar com os problemas que irão surgir em uma turma de 30 alunos de uma escola regular.

Portanto, considero que outras pesquisas devem ser empreendidas, pois os textos aqui estudados são úteis para pequenos grupos, mas não respondem às perguntas que me levaram a empreender esta pesquisa.

Referências

BARBOSA, Robert Ruan de Oliveira. Ensino coletivo de violão: o perfil do professor, suas metodologias e estratégias organizacionais para o ensino no Programa Mais Educação nas escolas públicas municipais de Manaus. XXV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. Vitória, 2015.

Anais...Disponível em:

<https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/25anppom/Vitoria2015/paper/viewFile/3734/986>

FIDALGO, Otavio Jorge; MACÊDO, Mabel; TOURINHO, Cristina. Propostas e atividades para a iniciação musical e ensino coletivo de violão para crianças entre 7 e 11 anos. XXIV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS – GRADUAÇÃO EM MÚSICA. São Paulo, 2014. **Anais...**Disponível em:

<https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/paper/viewFile/2988/613>

OLIVEIRA, Francisco Assis da Luz; SILVA, Geneilson Lino da. O ensino coletivo de música no Distrito de Ponta da Serra – Crato – CE. Experiências pedagógicas em ensino coletivo de violão. I CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSICAL DE SOBRAL. **Anais...** Ceará, 2013. Disponível em:

http://www.pesquisamus.ufc.br/images/PDF/CIEMS/Anais_CIEMS_2013.pdf#page=346

ONÓFRIO, Roberto Marcos Gomes de. Reflexões e instruções sobre a criação de um curso de violão para iniciantes no ambiente *MOODLE*. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, XI, 2015, UFG, **Anais...**, 2015, ABEM, Goiás.

Disponível em: <<http://www.abcogmus.org/documents/SIMCAM11.pdf#page=382>> Acesso em: 25 de mai. 2018.

RABAIOLI, Inácio. Camerata de violões da UEL: aprendizado através de prazeroso fazer musical coletivo. XVII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL-ABEM E 15º SIMPÓSIO PARANAENSE. **Anais...**,2009 Disponível em:

http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abem_2009.pdf

RODRIGUES, Gaspar; TOMAZ, Lorraine. Aprendendo violão na educação básica: motivação de alunos nas aulas de Artes. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación**, no. 4, 2015, DOI: 10.17979/reipe.2015.0.04.129. Disponível em:

<http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/129>

SALGADO, Rafael Pedrosa; KAMINSKI, Leonardo Casarin; RAY, Sonia. Ensino coletivo de violão: Uma proposta a partir de Paynter. XVI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA. **Anais...**, Goiânia, 2014. Disponível em:

https://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/14%C2%BA_SEMPEM.pdf#page=255

SILVA SÁ, Fábio Amaral da; LEÃO, Eliane. A memória e suas contribuições para pensar o processo de aprendizagem em aulas coletivas de violão. XXII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. **Anais...**Natal, 2015.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/16775924/A_mem%C3%B3ria_e_suas_contribui%C3%A7%C3

%B5es_para_pensar_o_processo_de_aprendizagem_em_aulas_coletivas_de_viol%C3%A3o>
Acesso em 20 mar 2018.

TOURINHO, Cristina. Aprendizado musical do aluno de violão: Articulações entre práticas e possibilidades. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (Orgs.) **Ensino de Música:** Propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003, p.77 – 85.